



As 20 maiores empresas agroquímicas brasileiras em 2017

Home / Mídias / As 20 maiores empresas agroquímicas brasileiras em 2017



As 20 maiores empresas agroquímicas brasileiras em 2017: as fusões aumentarão a concentração de mercado no futuro

As vendas de agroquímicos no Brasil atingiram um faturamento total de US \$ 8,9 bilhões em 2017, segundo dados da Sindicato Nacional da Indústria de Produtos para Defesa Vegetal (Sindiveg). O resultado representou uma queda de 7% na receita em relação a 2016.

Esta é a quarta queda consecutiva no setor de agrotóxicos no Brasil desde 2014, quando as empresas faturaram US\$ 12,3 bilhões. Desde então, as receitas da indústria de agroquímicos caíram para US\$ 9,6 bilhões em 2015 e US\$ 9,5 bilhões em 2016.

Assim como em 2015, os fatores que contribuíram para a queda do valor das vendas foram a forte desvalorização do Real frente ao dólar e o crescente uso de produtos ilegais, clandestinos, roubados ou mesmo falsos. Houve também o surgimento de novas tecnologias de controle e manejo integrado de pragas. Segundo o Sindiveg, as previsões foram confirmadas para 2017, o que projetou aumento de produtos ilegais, estoques elevados e risco de inadimplência no pagamento.

O maior volume de vendas em 2017 foi no segmento de herbicidas, com US \$ 3,1 bilhões, ou 35% do total (considerando-se herbicidas seletivos para herbicidas específicos e não seletivos). As vendas de fungicidas totalizaram US\$ 2,4 bilhões, ou 28%, e as vendas de inseticidas, US \$ 2,37 bilhões, ou 27% das vendas do setor.

Mais da metade da receita do setor veio das vendas para a soja – 52% do total, ou US \$ 4,6 bilhões – no ano anterior, que atingiram US \$ 5,3 bilhões. A cana-de-açúcar vem em segundo lugar, respondendo por 12% das vendas no setor de defesa, ou US \$ 1,04 bilhão. Em seguida vem o milho (10%), com US \$ 945,6 milhões; algodão (7%), US \$ 599,1 milhões; e café (3%), com US \$ 246,5 milhões.

O principal estado consumidor do insumo foi o Mato Grosso, que comprou 21% de todos os agrotóxicos comercializados no Brasil, no valor de US \$ 1,8 bilhão. São Paulo foi o segundo maior comprador de agroquímicos, responsável por 15% das vendas do setor, ou US \$ 1,3 bilhão. Em terceiro lugar ficou o Rio Grande do Sul, com 12% do negócio, equivalente a US \$ 1,08 bilhão. Paraná, Goiás, Minas Gerais e Mato Grosso do Sul aparecem no ranking dos estados, onde a maioria dos defensivos foi vendida.

As estatísticas de vendas de empresas agroquímicas mostram que os dez primeiros lugares concentram US\$ 7.167 milhões em vendas, o que significa que detêm nada menos que 80,52% do mercado total brasileiro. O resultado representa uma ligeira queda de cerca de três pontos percentuais, em relação a 2016, quando as 10 maiores empresas responderam por 83,20% do mercado.

Vendas das 20 maiores empresas brasileiras de agroquímicos em 2017

Ranking (por vendas de 2017)	Empresa	2017 (mn USD)	2016 (mn USD)	Mudança%
1	Syngenta	1,587	1.817	-12,7
2	Bayer	1,036	1.735	-40,3
3	BASF	890	804	+10,7
4	FMC	642	522	+23,0
5	DuPont	579	608	-4,8
6	Dow	571	622	-8,2
7	Nufarm	504	474	+6,3
8	UPL	500	466	+7,3
9	Adama	448	442	+1,4
10	Monsanto	410	438	-6,4
11	Arysta + Chemtura	384	377	+1,9
12	Iharabrás	351	327	+7,3
13	Nortox	280	201	+39,3
14	Albaugh Brasil	200	146	+37,0
15	Ourofino	195	144	+35,4
16	CCAB **	170	106	+60,4
17	Leme	115	145	-20,7
18	Sipcam-Nichino	76	xxx	n / D
19	Rotam	54	64	-15,6
20	Sinon	xxx	35	n / D

(*) Pesquisa não oficial da Aenda

(**) O ano fiscal da CCAB começa em 1º de julho e termina em 30 de junho do ano seguinte.

(xxx) Dados indisponíveis

“Quando o mercado é dominado por alguns concorrentes, nós o chamamos de fenômeno do mercado de oligopólios. E quando esse oligopólio se torna mais forte, restringindo ainda mais espaço para outros concorrentes, como devemos chamá-lo? Pois é precisamente o que está acontecendo com o brasileiro. mercado agroquímico, por sinal, um dos maiores do mundo “, afirma Tulio Teixeira de Oliveira, diretor executivo da Aenda, da Associação Nacional das Agências Agropecuárias da Defesa.

A liderança da Syngenta em vendas de agroquímicos no Brasil permaneceu, apesar de uma queda nas vendas de

US\$ 230 milhões no ano passado, em relação a 2016. No segundo ano após a aquisição da empresa pela ChemChina, a Syngenta consolidou sua posição na primeira posição. do ranking, com alguns lançamentos de produtos, mas principalmente a aposta em startups e empresas agtech, reforçando a ideia de sustentabilidade por meio de tecnologia e soluções integradas.

Entre as maiores empresas, a Bayer foi a empresa que teve a maior queda nas vendas, diminuindo US\$ 699 milhões em relação a 2016. Foi um ano de transição entre o anúncio dos processos de intenção de compra e liberação de negócios da Monsanto. Para justificar uma queda nas vendas, a empresa explicou que isso ocorreu porque os estoques no Brasil estavam “inesperadamente altos” e isso prejudicou o desempenho em toda a América Latina. Segundo a Bayer, desconsiderando o desempenho no mercado brasileiro, as vendas ajustadas da Bayer teriam crescido 3% em todo o mundo em 2017.

Depois de ter visto a maior queda entre as grandes empresas em 2016, a BASF se recuperou e foi uma das poucas que aumentaram suas receitas em 2017, vendendo US\$ 86 milhões a mais em relação a 2016. Segundo a BASF, o crescimento expressivo ocorreu porque a empresa estava capaz de “aumentar ainda mais sua rentabilidade”, estabelecendo “uma base vital para o desenvolvimento futuro da nossa empresa – tanto em termos de pessoas e estratégia”, disse o Dr. Kurt Bock, presidente do Conselho de Administração da BASF.

Em quinto e sexto lugar estão empresas que já passaram por um ano de fusões de operações: Dow ingressou na DuPont após a aprovação, nos primeiros seis meses de 2017, dos negócios pelo CADE – órgão regulador brasileiro de defesa da concorrência. Ambas as empresas tiveram uma queda nas receitas, uma vez que os canais de distribuição continuaram a ver altos estoques. De acordo com a DowDuPont, esses problemas foram parcialmente compensados ??pelo lançamento de novos produtos, incluindo o fungicida Vessarya e o híbrido de milho Leptra.

Nufarm, UPL, Adama e Monsanto completam o TOP 10 das maiores empresas agroquímicas do Brasil. Entre estes, o único que registrou queda nas vendas foi a Monsanto, que já antecipou a aquisição pela Bayer.

A Nufarm anunciou em 2017 que apostaria no Brasil. “No Brasil, vemos oportunidades, especialmente no milho e na soja, mas também crescemos muito na proteção das pastagens”, disse Greg Hunt, CEO da Nufarm, em visita à sede brasileira.

Uma estratégia semelhante veio da UPL da Índia, que concentrou investimentos em sua subsidiária brasileira e anunciou vários lançamentos de produtos específicos para tratamento de sementes no país. Rogério Castro, CEO da UPL no Brasil, anunciou em 2017 a marca inseticida à base de fipronil “Start”, que foi a primeira de um grande portfólio da empresa para o segmento.

Tulio Oliveira, da Aenda, projeta um cenário ainda mais concentrado para o futuro, quando as fusões se concretizarem, e o mercado de agrotóxicos no Brasil terá apenas cinco grandes empresas com mais de 70% do mercado: “Essas nove empresas hegemônicas só cinco em 2019. Houve uma fusão entre a Dow e a DuPont e agora a Bayer comprou a Monsanto. A Syngenta e a Adama, embora com estruturas separadas, representam apenas uma – ChemChina. Um pouco mais cedo, a FMC capturou a Cheminova e, mais recentemente, adquiriu o governo De acordo com o processo Dow-DuPont, as empresas que detêm 70% do mercado brasileiro de produtos fitossanitários serão apenas a Bayer, a Syngenta / Adama, a Corteva (Dow / DuPont), a BASF e a FMC.

Fonte: Agronews



Mapa do Site

[Home](#)
[Quem somos](#)
[Imprensa](#)
[Notícias da Aenda](#)
[Legislação](#)
[Contato](#)
[Área restrita](#)
[□](#)

Últimas notícias

Novembro – 2-019

[Baixar Material](#)

Outubro – 2019

[Baixar Material](#)



Últimas mídias

Aplicativo ajuda a reconhecer e controlar pragas e doenças do maracujazeiro

Um aplicativo desenvolvido pela Embrapa vai auxiliar produtores de maracujá no diagnóstico e controle das principais pragas e doenças da cultura. Denominada AgroPragas Maracujá, a inovação foi lançada durante o Semiárido Show e permite comparar fotos das pragas e sintomas das doenças identificadas no campo com as imagens disponíveis no aplicativo. Outra grande vantagem é [...]

[Leia mais](#)

Pesticidas vs. agrotóxicos: tecnologia para além da ideologia

As discussões em torno do Projeto de Lei n.º 6.299/2002, que trata da atualização da Lei n.º 7.802/1989 (popularmente conhecida como “Lei de Agrotóxicos”) vêm ensejando embates fervorosos entre diversos setores da sociedade. De um lado, o setor agroindustrial, que defende a atualização da Lei n.º 7.802/1989, sob o argumento de que o arcabouço regulatório [...]

[Leia mais](#)